



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 14/02/2025 e 20/02/2025

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>14/02/2025</b>	10,36	295,90	46,07	6,00	4,96
<b>17/02/2025</b>	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
<b>18/02/2025</b>	10,38	293,80	47,30	6,04	5,02
<b>19/02/2025</b>	10,31	294,70	46,30	5,92	4,97
<b>20/02/2025</b>	10,45	296,00	47,26	5,85	4,98
<b>Média</b>	<b>10,38</b>	<b>295,10</b>	<b>46,73</b>	<b>5,95</b>	<b>4,98</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	125,00	
RS – Não Me Toque	124,00	
RS – Londrina	SC	
PR – M.C.Rondon	SC	
MT – C.N.Parecis	101,00	
MS – Maracaju	118,00	
GO - Rio Verde	114,00	
BA – L.E.Magalhães	113,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	73,00	CIF
Porto de Paranaguá	SC	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	66,00	
SC – Rio do Sul	70,00	
PR – M.C.Rondon	SC	
PR – Londrina	SC	
MT – C.N.Parecis	64,00	
MS – Maracaju	70,00	
SP – Itapetininga	80,00	
SP – Campinas	83,00	CIF
GO – Rio Verde	66,00	
GO – Jataí	66,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	68,00	
RS – Não Me Toque	69,00	
PR – Londrina	SC	
PR – M.C.Rondon	SC	

Período: 19/02/2025

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 20/02/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	67,64	125,13	67,82

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

**Preços de outros produtos no RS**

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
20/02/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	96,93
Feijão (saco 60 Kg)	228,89
Sorgo (saco 60 Kg)	58,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,45
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,53**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,85

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Dezembro/24, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

O primeiro mês cotado em Chicago, para a soja, registrou uma melhora nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (20) ficou em US\$ 10,45/bushel, contra US\$ 10,30 na semana anterior.

Durante a semana, a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA informou que foram esmagadas 5,45 milhões de toneladas de soja em janeiro, volume abaixo das expectativas do mercado que era de 5,57 milhões. Em relação a janeiro de 2024, o aumento foi de 7,9%. Em dezembro, o esmagamento havia sido de 5,62 milhões de toneladas. Já os estoques de óleo de soja naquele país ficaram, no último mês, 15,4% mais baixos do que o registrado um ano antes. Mesmo assim, os estoques marcam seu maior volume em seis meses, mas o menor para janeiro em 10 anos.

Por sua vez, na Argentina, as primeiras informações vindas de um Crop Tour que lá vem sendo realizado, apontam que, assim como no sul do Brasil, existe muita variabilidade na qualidade das lavouras de soja. Em algumas regiões o quadro é razoável e em outras o mesmo é crítico.

Já no Brasil, com o câmbio se mantendo ao redor de R\$ 5,70 por dólar, e os prêmios sem grandes mudanças em relação à semana anterior, os preços se estabilizaram, porém, o viés é de baixa conforme a colheita vai avançando. Com isso, se a média gaúcha fechou a semana em R\$ 125,13/saco, as principais praças locais trabalharam com valores entre R\$ 124,00 e R\$ 125,00/saco. Nas demais regiões brasileiras os valores giraram entre R\$ 101,00 e R\$ 118,00/saco.

Segundo a Pátria AgroNegócios, até o início da presente semana a colheita no Brasil chegava a 27,2% da área total esperada, contra 30,7% na mesma época do ano passado e 28,5% na média histórica para a data. Nas regiões centro e norte do país a colheita avançou melhor, apesar das chuvas, e no sul do país, as chuvas do dia 17/02 não recuperam o que já foi perdido, porém, estanca as perdas. O problema é que nova onda de calor se iniciou, sem previsões de chuva significativa, pelo menos até meados da próxima semana.

Mesmo com estas quebras (no Rio Grande do Sul já há estimativas – Agroconsult - se aproximando de nossos números indicados no comentário passado, apontando um total a ser colhido de 16 milhões de toneladas apenas). Para o Brasil, o recorde deve se estabelecer mesmo assim, mas há disparidades, com as indicações de volume final entre 166 e 171 milhões de toneladas (Conab e Agroconsult). Neste último número, caso se confirme, o ganho seria de 15,8 milhões sobre a safra anterior. Em termos nacionais, a área semeada teria sido de 47,6 milhões de hectares, com a produtividade média esperada em 60 sacos/hectare. Mas no Rio Grande do Sul a média, por enquanto, está projetada em 39 sacos (35% abaixo da média nacional) (cf. Rally da Safra Agroconsult).

Em outras regiões brasileiras a produtividade é bem melhor, com 66,5 sacos/hectare no Mato Grosso e 70 sacos estimados na Bahia, por exemplo.

Entretanto, no Mato Grosso do Sul, segundo a Aprosoja local, em muitas regiões daquele estado 47% das lavouras se apresentam em condições ruins.

Enquanto isso, destaque para o fato de que o Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) ter decidido frear a intenção de aumentar a mistura de biodiesel no diesel fóssil. Em dezembro de 2023 o Programa Combustível do Futuro havia previsto passar para 15% (B15) a mistura, porém, com a recente decisão do Conselho a referida mistura irá permanecer em 14% não havendo previsão de revisão. Isto vem causando indignação ao setor produtivo do biodiesel nacional.

Enfim, em relação ao mercado mundial de soja, tem-se que a China diminuiu sensivelmente sua dependência para com a soja dos EUA a partir de 2018, em função da guerra comercial que Donald Trump provocou em seu primeiro mandato na presidência dos EUA, assim como em função da peste suína africana que se abateu sobre os rebanhos chineses. Assim, “para os exportadores dos EUA, os níveis pré-guerra comercial de 2018 nunca foram recuperados, e as remessas de soja dos EUA para a China, nos últimos três anos civis, caíram 12% em relação à média de 2015-2017. Enquanto isso, a China aumentou suas importações em 13% durante esse período, fato que favoreceu ao Brasil. Tanto é verdade que, neste período, o Brasil aumentou suas exportações de soja para a China em 51%, enquanto as exportações totais de soja pelo nosso país cresceram 61%. Em comparação, as exportações de soja dos EUA para todos os destinos caíram 2% no mesmo período, pois o foco na demanda doméstica aumentou. Em média, nos últimos três anos, cerca de 72% das exportações de soja do Brasil foram para a China, em comparação com 76% entre 2015-2017. Essa enorme dependência de um único cliente é uma das grandes vulnerabilidades do programa de exportação do Brasil. Enquanto isso, cerca de 53% das exportações de soja dos EUA foram destinadas à China nos últimos três anos civis, em comparação com a média de 59% nos três anos anteriores à guerra comercial. Já na União Europeia, segunda grande região em importações de soja, com 8% do total global, o quadro é de estabilidade. Lembrando que até o início dos anos 2000 a Europa, para a soja, era a atual China, particularmente para o Brasil. Os europeus adquiriam, na época, cerca de dois terços das exportações brasileiras da oleaginosa, incluindo o farelo. Dito isso, as exportações de soja, dos EUA para a UE, chegaram a 11% do total das vendas de soja estadunidense nos últimos três anos. Mas tanto para os EUA quanto para o Brasil, o comércio de soja com a UE pode estar em risco porque os europeus estão publicando uma política que tem potencial para diminuir as importações agrícolas tratadas com produtos químicos proibidos na Europa. Enfim, “as exportações totais de soja brasileira são quase 80% maiores em volume do que a dos EUA, mas ambos os países, nos últimos três anos, exportaram volumes semelhantes para destinos diferentes da China e da UE. Essa diversidade relativamente maior entre os clientes dos Estados Unidos pode ser sua única vantagem atual sobre os negócios em expansão do Brasil (cf. Karen Braun, da Reuters). E, nesse momento, a grande incógnita, para o futuro do mercado da soja, está sendo os novos arroubos protecionistas vindos de Donald Trump em seu segundo mandato na presidência dos EUA.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, subiram na corrente semana. O bushel, para o primeiro mês cotado, chegou mesmo a superar os US\$ 5,00 no dia 18/02, algo que não ocorria desde o dia 19 de outubro de 2023. Mas o movimento não se sustentou e o fechamento desta quinta-feira (20) ficou em US\$ 4,98/bushel, contra US\$ 4,93 uma semana antes.

Os preços do milho, no mercado internacional, estariam firmes diante da forte demanda, o que gera exportações importantes, assim como diante de uma oferta mundial menor do que o inicialmente esperado. Neste sentido, na semana encerrada em 13 de fevereiro, os EUA registraram 1,6 milhão de toneladas de milho exportadas, com um aumento de 19% sobre o registrado na semana anterior e acima do que esperava o mercado.

E aqui no Brasil, mesmo com a colheita da safra de verão, que vem menor do que o esperado, os preços estão igualmente firmes. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 67,64/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços giraram entre R\$ 64,00 e R\$ 80,00/saco. Já na B3, o fechamento do dia 19/02, indicou março/25 cotado à R\$ 80,80, maio/25 à R\$ 76,90, julho/25 em R\$ 72,40 e setembro/25 cotado à R\$ 71,85/saco.

Dito isso, durante a semana a Secex informou que o Brasil exportou, nos primeiros 10 dias úteis de fevereiro, um total de 827.009 toneladas do cereal, contra 1,7 milhão de toneladas em todo o mês de fevereiro do ano passado. A média diária atual está 8,3% abaixo da média do mês de fevereiro de 2024. O mercado espera que o Brasil exporte, em 2025, um volume superior ao registrado no ano passado. Mas isso irá depender do tamanho da segunda safra. A Stone X está estimando uma safra total nacional, no corrente ano, em 146 milhões de toneladas.

Enquanto isso, a Conab informou que a colheita da safra de verão de milho teria chegado a 21,1% da área semeada. Já o plantio da safrinha estaria em 35,7% da área esperada, contra 45,3% realizados no ano passado nesta época do ano. Por estado, o mesmo estaria assim: no Paraná (46%), Mato Grosso (43,3%), Tocantins (40%), Goiás (30%), Mato Grosso do Sul (19%), Minas Gerais (16,9%), Maranhão (10%) e Piauí (2%). Até o momento, 47,7% dessa área ainda está em emergência e 49,1% avançaram para desenvolvimento vegetativo.

Especificamente no Paraná, segundo o Deral local, a safra de milho verão estava colhida em 30% no início da presente semana, enquanto a segunda safra registrava um plantio de 56% da área esperada, sendo que as lavouras estão em boas condições. No Rio Grande do Sul, segundo a Emater local, a colheita do milho verão, até meados de fevereiro, atingia a 54% da área semeada, contra 44% na média histórica para esta época do ano.

## MERCADO DO TRIGO

O mercado do trigo continua bastante lento em fevereiro. Neste momento a safra argentina está sendo colhida e a oferta do produto cresce. Com isso as importações do produto, do vizinho país, aumentam, auxiliadas pelo câmbio, já que o Real ficou mais forte, vindo ao patamar dos R\$ 5,70 por dólar. Assim, enquanto Chicago reage,

ultrapassando a barreira dos US\$ 6,00/bushel nesta semana (cotação que não ocorria, para o primeiro mês cotado, desde o dia 10 de outubro passado), os preços internos do cereal se mantêm relativamente estáveis.

O fechamento de Chicago, no dia 20/02, entretanto, acabou registrando baixas, com o primeiro mês cotado ficando em US\$ 5,85/bushel, contra US\$ 5,77 uma semana antes.

Enquanto isso, na Argentina, as exportações de trigo teriam aumentado em 200% no ano passado. O vizinho país espera, agora, colher, na atual safra, um total de 18,1 milhões de toneladas, contra 15,8 milhões em 2023/24. Com isso, as exportações poderão alcançar 11,5 milhões de toneladas, contra a estimativa de 8,2 milhões em 2023/24.

Já no Brasil, o Rio Grande do Sul registrou valores entre R\$ 68,00 e R\$ 69,00/saco e no Paraná e Santa Catarina ao redor de R\$ 73,00/saco. Lembrando que no final de dezembro os preços estavam praticamente nestes mesmos patamares nos três principais estados do Sul.

Dito isso, o mercado nacional enfrenta recuo dos vendedores, que esperam valores melhores a partir da melhoria dos preços internacionais e da entressafra (o novo plantio no Brasil se inicia em abril). Além disso, tem-se elevados volumes importados nos últimos meses e continua existindo dificuldades de repasse de novos reajustes positivos aos derivados de trigo. Segundo a Conab, a nova área de trigo no país tende a ser 2,1% menor que a anterior, ficando em 3 milhões de hectares. Mas não se descarta área menor do que esta diante das dificuldades climáticas e de preços enfrentadas pelos produtores. Mas, se o clima ajudar, esta área indicada poderia gerar uma produtividade média em crescimento de 18%, para 3,04 toneladas/ha, o que geraria oferta de 9,12 milhões de toneladas, 15,6% maior que a temporada anterior.

Por sua vez, analista privado nacional é mais otimista, indicando um aumento de 5,2% na área a ser semeada com trigo em 2025, com a mesma passando a 3,1 milhões de hectares, contra 2,95 milhões em 2024. Esse aumento se deve a preços melhores na atualidade para o cereal. “O Rio Grande do Sul deve ser o principal destaque no aumento da área plantada, com uma expansão de 11,7%, alcançando 1,43 milhão de hectares. Apesar das perdas de 20%, no volume e também na qualidade na safra de 2024, devido ao excesso de chuvas, a comercialização teria sido favorável no Estado. Espera-se que a partir do final de 2026, o início do esmagamento de trigo para etanol no estado possa gerar uma demanda adicional de 500.000 toneladas, incentivando ainda mais o plantio. Entretanto, o acesso ao crédito e os altos custos de custeio e seguro rural são desafios que limitam um crescimento maior da área.” (cf. Safras & Mercado)

Já no Cerrado a área deverá crescer 12,2%, apoiada no fato de que os produtores locais terem conseguido vender a última safra de trigo com preços 25% acima da safra anterior. Estados como Minas Gerais, Goiás e Bahia, mais o Distrito Federal, também devem apresentar aumento de área, enquanto no Mato Grosso do Sul, o atraso na colheita da soja pode inviabilizar o milho safrinha, abrindo espaço para a cultura do trigo. O potencial produtivo dos Estados, somados, pode atingir 1,52 milhão de toneladas, com um aumento de 53,8% em relação ao ano passado. Em Santa Catarina, a previsão é de crescimento de 4,3% na área plantada, que deve chegar a

120.000 hectares. Em contrapartida, no Paraná, geralmente o primeiro produtor de trigo do país, deve haver redução de 4,3% na área em 2025, com a mesma ficando em 1,1 milhão de hectares. Isso se deve a três anos consecutivos de perdas devido ao clima (cf. Safras & Mercado in: Globo Rural).

Pelo sim ou pelo não, os mais otimistas consideram que os preços do trigo, no mercado internacional, tendem a se valorizar ainda mais, podendo atingir os US\$ 7,00/bushel nos próximos meses. Com isso, os preços no Brasil também subirão mais, com a tonelada podendo alcançar um nível próximo dos R\$ 2.000,00 até o fim do ano. Não é impossível, porém, consideramos muito prematura tal indicação, diante das incertezas históricas que o trigo apresenta no país.